

MANIFESTO FEMINISTA ANTIPROIBICIONISTA PARA O 8M

Esta declaração conjunta pretende divulgar e apoiar a luta das mulheres e dissidentes em toda a América Latina: somos usuárias de drogas, cultivadoras de cannabis, mulheres do campo, profissionais do sexo, mulheres em situação de rua, mulheres encarceradas, privadas de liberdade e recém libertas, mães que perderam seus filhos e filhas, e muitas vezes suas próprias vidas e dignidade nas mãos do narcotráfico, mulheres que foram privadas de dar a luz, por sua condição de usuárias de drogas.

Nossa realidade reflete a maneira pelo qual o sistema de proibição utiliza nossos corpos como recipientes humanos. Mas somos nós quem sofremos as terríveis consequências desta dita "guerra às drogas". Essa é uma guerra contra nós mulheres e, também, contra outras minorias com claros objetivos, como: o lucro, a lavagem de dinheiro, a venda de armas e drogas que são as principais formas de burlar o sistema financeiro em suas constantes crises econômicas. Em contrapartida, muitas de nós somos vítimas de discriminação, estigmatização e violência de todos os tipos. Inúmeras são as violações de nossos direitos que sofremos em consequência de uma política de drogas que é sexista, racista, colonial, classista e proibicionista em toda a nossa região, desde o sul do Rio Bravo até a Terra do Fogo na Argentina.

Falamos em nome daquelas que estão vivas e das que já não estão entre nós. Elas são e foram mulheres que nos inspiram a continuar lutando, assim como lutaram até o último minuto de suas vidas que foram injustamente interrompidas. Esse manifesto pretende tornar visível as narrativas das mulheres historicamente e diretamente afetadas pelo sistema altamente desigual de proibição das drogas. Sistema esse que se configurou em toda a América como parte de um controle violento sobre os corpos, comunidades e territórios das mulheres.

A guerra às drogas tem sido um mecanismo eficaz no controle e segregação social, principalmente de certas populações, impactando fortemente o nosso dia a dia. É fato que o proibicionismo matou muito mais pessoas do que o próprio uso de drogas em si.



Em nosso continente, a guerra às drogas se configura na forma de uma guerra contra nós mulheres, que não existiria se não estivesse baseado em um sistema corrupto. Não fomos nós que declaramos essa guerra, mas somos as responsáveis históricas em construirmos juntas a resistência e uma resposta coletiva que culmine no encontro de várias frentes de luta em torno da transformação das políticas de drogas na América Latina; a partir do profundo questionamento do sistema. Acreditamos que as diferentes correntes feministas devem abraçar a luta antiproibicionista para mudar a realidade que compartilhamos.

O patriarcado racista e proibicionista nos matou, nos causou doenças e nos torturou de muitas formas diferentes. Mais uma vez gritamos em alto e bom som: nosso uso de drogas não é sinônimo de estar disponível sexualmente e não permite a violação dos nossos corpos. Desafiamos os meios de comunicação a pararem de reproduzir essa narrativa que só perpetua a cultura do estupro! Estamos co-construindo novas maneiras de se comunicar, intervir, cuidar e orientar em relação às políticas de drogas, onde o paradigma esteja nas formas de cuidado, nas intervenções de redução de danos/riscos e na gestão do uso recreativo.

A atual política de drogas tem sido um mecanismo que permite ao Estado, por meio de seus agentes, exterminar vidas, violar subjetividades e invadir corpos feminilizados e gestantes; desrespeitando violentamente, humilhando e desumanizando as mulheres, dentro de um padrão de enfrentamento militar. Esta forma de exercício do poder por parte do Estado constitui um reforço do padrão constituído pelo patriarcado colonial e capitalista, de masculinidades violentas estereotipadas e de controle abusivo dos nossos corpos, da submissão da nossa existência e da vulnerabilidade de nossas vidas.

Hoje, a maioria dos problemas que enfrentamos no campo do uso de drogas é produto dessa política fracassada que optou pelo uso da repressão e da proibição para alcançar seu ideal de um mundo abstinente e "livre de drogas". Nossa luta é para que nossas vozes e demandas sejam levadas em consideração na elaboração de qualquer política que afete nossas vidas!

NADA PODE SER DECIDIDO SOBRE NÓS, SEM NÓS!

**FEMINISTAS ANTIPROIBICIONISTAS
DA AMÉRICA LATINA**



MANIFESTO DE MULHERES USUÁRIAS DE DROGAS ILÍCITAS

Estamos entre os grupos mais difamados e demonizados da sociedade. A sociedade civil e o governo muitas vezes negam nossos direitos e nossa dignidade simplesmente porque somos usuárias de drogas ilícitas.

Somos tachadas pelos meios de comunicação como “drogadas”, “cheiradoras”, “maconheiras” e “craqueiras”.

Ao invés de termos acesso a programas de prevenção adequados, orientados pela redução de danos/riscos e a gestão de uso recreativo, somos frequentemente presas, compulsivamente internadas ou mandadas para comunidades terapêuticas ou centros de reabilitação de baixa qualidade e ineficácia. Em muitos casos, esses locais exigem uma conversão religiosa em um contexto em que o Estado deveria ser laico.

Somos uma maioria de pessoas usuárias de drogas que não se veem afetadas por estas. E, portanto, não precisamos de nenhum tratamento para dependência, pois nossos maiores problemas têm sido causados pelo Estado proibicionista. Somos vítimas de opressão e violação dos direitos humanos, algo comum em países que estão travando uma “guerra às drogas”.

Somos milhares de mães que temos que suportar a dor da perda de nossos filhos ou filhas em nome da “luta contra o tráfico”.

Somos as mães, irmãs e esposas de jovens “suspeitos de tráfico” que não tiveram possibilidade de julgamento e foram aniquilados pelo sistema repressivo.

Somos mulheres que usam crack/pasta base na rua, que perdem o direito à maternidade e a guarda de seus filhos devido ao uso de drogas.

Somos mulheres com uma alta probabilidade de ingressar no mundo do narcotráfico, dada a pouca oportunidade no mercado de trabalho formal.

Somos mulheres sem-teto, estupradas e humilhadas pela violência da polícia e dos traficantes.

Somos mulheres aniquiladas em ambiente de guerra.

Somos continuamente excluídas das decisões que afetam nossas vidas e as vidas de nossos irmãos e irmãs.

Temos o direito de participar de forma significativa na tomada de decisões sobre questões que afetam nossas vidas.

Temos o direito de tomar decisões e sermos informadas sobre nossa saúde, incluindo o que fazemos e o que não fazemos com nosso corpo.